

# IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE À LUZ DE STUART HALL E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE FEMININA EM SIMONE DE BEAUVOIR

Data de submissão: 19/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

**Shirle Goulart**

Doutoranda em Estudos Literários pela  
Universidade Federal de Uberlândia –  
UFU.

**RESUMO:** Este artigo examina a complexa natureza da identidade na pós-modernidade através das perspectivas teóricas de Stuart Hall e Simone de Beauvoir. Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, argumenta que a identidade é uma construção social dinâmica de várias perspectivas, influenciada por múltiplos discursos culturais e históricos. Hall desafia as noções essencialistas de identidade, propondo que as identidades são continuamente moldadas e reformuladas em contextos específicos. Por outro lado, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, explora a construção social da identidade feminina, demonstrando como as mulheres são historicamente definidas de forma submissa por imposição social em relação aos homens. Beauvoir critica as estruturas patriarcais que impõem papéis de subordinação às mulheres, argumentando que o gênero é uma construção social e não uma essência biológica predeterminada. Este estudo integra essas duas perspectivas

para fornecer uma análise abrangente sobre como as identidades são formadas, contestadas e transformadas na sociedade contemporânea. Através de uma revisão teórica e uma discussão crítica, o artigo busca compreender as implicações dessas teorias para os estudos de identidade e gênero, destacando a importância de uma abordagem interdisciplinar para entender as dinâmicas identitárias na era pós-moderna.

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as discussões acerca da identidade assumem uma complexidade crescente, influenciada por transformações sociais, culturais e políticas que caracterizam a era pós-moderna. Nesse contexto, teóricos como Stuart Hall e Simone de Beauvoir oferecem contribuições fundamentais para o entendimento das dinâmicas identitárias, cada um à sua maneira, abordando aspectos cruciais da identidade cultural e da construção social da feminilidade.

Stuart Hall, um dos mais importantes pensadores dos estudos culturais do século XX, propôs uma abordagem que desafia

noções essencialistas e fixas de identidade. Em sua obra seminal *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Hall argumenta que a identidade não é algo dado ou estático, mas sim um processo contínuo de construção e reconstrução, moldado por contextos históricos, sociais e políticos em constante fluxo. Ele introduz conceitos sobre a identidade como um “ponto de articulação”, enfatizando a fluidez e a multiplicidade das identidades na sociedade contemporânea (Hall, 2006).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (Hall, p. 13, 2006)

Por outro lado, Simone de Beauvoir, filósofa existencialista e feminista, provocou uma revolução nas concepções sobre a identidade feminina com sua obra magistral *O Segundo Sexo*. Publicado em 1949, o livro de Beauvoir não apenas desmascarou as construções sociais que sustentavam a subordinação das mulheres, mas também delineou como o gênero é uma construção social imposta, não uma essência biológica. Beauvoir argumenta que as mulheres são definidas como *Outro* em relação ao homem, e sua identidade é moldada por estruturas sociais que perpetuam desigualdades e estereótipos de gênero (Beauvoir, 1949).

Assim, este artigo se propõe a explorar a interseção dessas duas abordagens teóricas, analisando como Hall e Beauvoir contribuem para a compreensão contemporânea da identidade na pós-modernidade. A partir dessa análise, busca-se não apenas elucidar as teorias desses autores, mas também questionar como suas perspectivas podem oferecer insights para os desafios atuais enfrentados pela sociedade em relação à formação e transformação das identidades individuais e coletivas. Como as teorias desses autores provocam questionamentos sobre a formação identitária no mundo pós-moderno?

Ao longo deste estudo, serão consideradas as implicações teóricas das obras de Hall e Beauvoir, explorando como suas ideias influenciam os debates acadêmicos e políticos sobre identidade, especialmente no que concerne às questões de gênero e à luta por igualdade e reconhecimento na contemporaneidade.

## **DESCONSTRUINDO IDENTIDADES: REFLEXÕES SOBRE CULTURA E GÊNERO NA ERA PÓS-MODERNA**

Stuart Hall, em uma das mais importantes obras dos estudos culturais: *A Identidade cultural na pós-modernidade*, identifica três diferentes abordagens de identidade ao longo da história.

Primeiramente, durante o período do Iluminismo, a identidade era vista como centrada no indivíduo. Nessa perspectiva, acreditava-se que cada pessoa possuía um núcleo

interno estável composto por razão, consciência e capacidade de ação. Este conceito, predominantemente individualista, descrevia o sujeito como uma entidade unificada e, frequentemente, associada ao masculino. A ideia central era que esse núcleo interior se desenvolvia ao longo da vida do indivíduo, permanecendo essencialmente inalterado.

O sujeito do Iluminismo estava baseado na ideia de que o ser humano é uma entidade completamente centrada, unificada, capaz de razão, consciência e ação; seu “centro” era um núcleo interior que nasceu com o sujeito e se desenvolveu com ele, mas permanecia substancialmente desconhecido ao sujeito ao longo de sua existência. A identidade de uma pessoa era o núcleo do eu. (Hall, p 10-11, 2006)

Com a chegada da modernidade, surge uma visão mais complexa da identidade, denominada sujeito sociológico. Aqui, a identidade é entendida como algo que se forma através das relações com outras pessoas significativas. A identidade, nesse contexto, é moldada na interação entre o indivíduo e a sociedade, localizando-se entre o interior do sujeito e o exterior social.

A ideia de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a compreensão de que o núcleo interno do sujeito era formado por “outras pessoas importantes para ele”, que transmitiam valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo em que vivia. (Hall, p 11, 2006)

Na era pós-moderna, a identidade é percebida como fluida e diversificada, sem um núcleo fixo. Em vez de uma essência estável, a identidade é construída através do diálogo com os contextos culturais externos. As pessoas internalizam significados e valores de diferentes mundos culturais, alinhando seus sentimentos subjetivos com as posições objetivas que ocupam na sociedade. Esse processo de formação de identidade estabiliza tanto os indivíduos quanto os mundos culturais em que vivem, sendo definido historicamente em vez de biologicamente. No sujeito pós-moderno, coexistem identidades contraditórias que continuamente deslocam suas identificações.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diversas direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, p 12, 2006)

Hall argumenta que as identidades tradicionais, como aquelas baseadas em classe social, etnia, religião ou nacionalidade, costumavam fornecer um senso de pertencimento e estabilidade. Contudo, essas identidades têm perdido força nas últimas décadas. Nações, vistas como “comunidades imaginadas”, são sustentadas pela memória do passado e pelo desejo de conviver. Entretanto, a globalização está transformando essas identidades culturais. As culturas nacionais enfrentam divisões internas profundas e são unificadas apenas através do exercício de várias formas de poder cultural. A interação entre o global e o local é complexa, com as nações oscilando entre preservar tradições e se adaptar às

mudanças.

A partir das observações de Hall é possível subtrair a ideia de que as identidades não se esgotam em si mesmas, não são dotadas de uma natureza estática e não possuem um núcleo permanente, porquanto, suscetíveis de constantes transformações. Figura na mesma esteira de Hall, a análise de Silva (2009). Segundo o qual, a identidade

não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, p. 96-97).

Consoante aos estudos de Hall e Silva, Ortiz (2006, p. 8) leciona que: “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. Nesse sentido, pode-se extrair que para ambos autores as identidades não são estáticas, fixas, muito menos permanentes e imutáveis, mas estão sempre em processo contínuo de metamorfose e são moldadas por elementos como história, política e sociedade, e esta, por sua vez, recebe e doa culturas de diferentes povos que se deslocam constantemente.

Outro ponto relevante sobre a fluidez das identidades envolve consubstancialmente a questão migratória, pois o processo de fragmentação identitária pressupõe um constante movimento de (re)construção de identidade. Nesse cenário, importante observar que esse processo se dá pelo fenômeno da globalização, conforme alhures mencionado, mas antes também na figura do imigrante que se desconstrói – pois deixa no seu lugar de origem a referência cultural que o torna um ser social –, para aos poucos se reconstruir por meio do contato com a cultura do lugar adotado.

Para definir o ser imigrante, na concepção de Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), é necessário considerar o espaço e o indivíduo. Segundo os autores: “[...] a busca por sua resposta está na territorialidade e na existência, dois termos são centrais para essa construção: lugar e ser” (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p. 409). Assim, de acordo com a concepção dos pesquisadores, as migrações envolvem a dimensão territorial e a dimensão existencial. Segundo eles:

A dimensão territorial tem sido vista como organização espacial ou como a dimensão legal das migrações internacionais (sempre com um viés materialista do território), enquanto a dimensão existencial tem aparecido em estudos antropológicos, históricos, psicossociais ou psicanalíticos (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p. 409).

Com efeito, a questão identitária está intrinsecamente ligada a questões migratórias. Nesse sentido, os processos migratórios, diaspóricos, tornaram-se vetores da fragilidade

de identidade dos indivíduos imigrantes. Isso porque, o ser deslocado necessita constantemente de adequar sua cultura de origem à nova cultura na qual está inserido. Como resultante desse processo irregular e heterogêneo – apesar de aparentes acréscimos positivos –, o indivíduo se encontra em instabilidade e perda de sua identidade de origem.

Enquanto Hall atribui a questão da fluidez identitária ao constante movimento de transformações sociais, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, oferece uma análise mais crítica da construção social da identidade, focando suas análises na questão da identidade feminina. Ela argumenta que a identidade feminina não é uma essência biológica, mas uma construção social imposta pelas normas patriarcais. Beauvoir afirma que as mulheres são socializadas para se conformarem com papéis impostos e expectativas que limitam sua liberdade e autonomia, destacando a famosa afirmação da autora de que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2016).

Beauvoir afirma que as mulheres são moldadas desde o nascimento. Essa interferência social perpetua a ideia de que elas são inerentemente diferentes e inferiores aos homens, uma construção que Beauvoir descreve como *Outro*. A autora observa que as mulheres são definidas em oposição aos homens, sendo relegadas a papéis secundários e de subordinação.

A famosa citação que abre uma discussão sobre a identidade feminina em *O Segundo Sexo* “não se nasce mulher, torna-se mulher” encapsula a ideia de que a feminilidade é um papel aprendido e imposto pela sociedade, não uma característica intrínseca ao feminino. Segundo Beauvoir, a mulher é definida e diferenciada em relação ao homem e não ele em relação a ela; ela é o inessencial em face do essencial. Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela, o *Outro* “[...] se o homem se restringe a ter sem dar ou a dar sem ter, ela se sente manobrada; desde que se realiza como *Outro*, ela é o outro inessencial; é-lhe necessário negar a alteridade” (Beauvoir, 2016, p. 137).

Beauvoir critica as estruturas patriarcais que impõem papéis de subordinação às mulheres. Ela argumenta que o patriarcado utiliza uma combinação de normas sociais, culturais e políticas para manter as mulheres em uma posição de inferioridade. Essas normas são perpetuadas através da educação, da religião, da mídia e de outras instituições sociais que promovem a ideia de que as mulheres devem ser passivas, dependentes e submissas. Para Beauvoir, a libertação das mulheres envolve a rejeição dessas construções sociais restritivas. Ela propõe que as mulheres devem reivindicar sua autonomia e liberdade, desafiando os papéis tradicionais e criando novas formas de identidade que não sejam baseadas na subordinação aos homens. Essa libertação requer uma transformação radical das estruturas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero.

A análise de Beauvoir sobre a construção social da identidade feminina teve um impacto profundo no feminismo contemporâneo. Sua obra influenciou gerações de feministas, inspirando movimentos que lutam pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres. A crítica de Beauvoir ao patriarcado e sua defesa da liberdade e autonomia

das mulheres continuam a ser relevantes na luta contra as desigualdades de gênero e na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Integrando as ideias de Stuart Hall sobre a identidade na pós-modernidade, é possível observar como as estruturas sociais e culturais influenciam a construção da identidade feminina. Hall argumenta que a identidade é fluida e multifacetada, moldada por múltiplos discursos culturais e históricos. Para Hall

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006, p. 1).

Essa perspectiva de Hall complementa a crítica de Beauvoir ao mostrar como as identidades femininas são continuamente negociadas e reformuladas em diferentes contextos sociais e culturais. O que propõe a autora como resistência do gênero feminino, ou seja, quando ela provoca nas mulheres uma reflexão sobre a questão da aceitação imposta socialmente, há, portanto, uma materialização dos conceitos de Hall sobre a dinâmica de movimento da formação identitária do sujeito.

A construção social da identidade feminina, como analisada por Simone de Beauvoir, destaca a influência das normas patriarcais e das expectativas sociais na definição do papel das mulheres. Ao desafiar essas construções e reivindicar sua autonomia elas podem transcender as limitações impostas pela sociedade patriarcal. As teorias de Beauvoir, juntamente com as perspectivas pós-modernas de Stuart Hall, oferecem uma compreensão abrangente das dinâmicas identitárias na contemporaneidade, sublinhando a importância de uma abordagem interdisciplinar para entender e transformar as estruturas de poder e opressão que moldam as identidades, em especial a feminina.

Tanto Hall como Beauvoir reconhecem que a identidade é moldada por fatores externos e não é inerentemente fixa. Ambos enfatizam o papel das estruturas sociais e culturais na formação das identidades, seja através das forças pós-modernas da globalização e da mídia (Hall) ou das normas patriarcais e expectativas de gênero (Beauvoir).

Ao explorar as convergências entre as teorias de Stuart Hall e Simone de Beauvoir, entramos em um diálogo profundo sobre a construção da identidade na era contemporânea. Ambos os pensadores, apesar de suas abordagens distintas, oferecem visões complementares sobre como as identidades são formadas, contestadas e transformadas no tecido social.

Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, argumenta que a identidade não é uma essência fixa, mas um processo contínuo de construção e reconstrução, moldado por contextos históricos, sociais e políticos em constante fluxo. Ele desafia as noções essencialistas de identidade ao afirmar que “a identidade plenamente

unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p. 13). Em vez disso, Hall sugere que, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (Hall, 2006, p. 13). Essa multiplicidade é essencial para compreender a complexidade da experiência humana na pós-modernidade.

Ao analisar as ideias de Hall e Beauvoir, notamos que ambos enfatizam que as estruturas sociais e culturais desempenham um papel crucial na formação das identidades. Hall aborda as forças pós-modernas da globalização e da mídia, enquanto Beauvoir se concentra nas normas patriarcais e nas expectativas de gênero. Essa convergência revela um ponto central: as identidades são influenciadas por discursos e práticas sociais que operam tanto em nível macro (globalização) quanto em nível micro (relações de gênero).

A visão de Hall sobre a identidade como um “ponto de articulação” ressalta a fluidez e a multiplicidade das identidades na sociedade contemporânea. Ele vê a identidade como algo que pode ser negociado e transformado continuamente, uma perspectiva que ecoa a crítica de Beauvoir às construções sociais restritivas que definem a feminilidade. Beauvoir propõe que as mulheres devem desafiar esses papéis tradicionais e criar novas formas de identidade que não sejam baseadas na subordinação aos homens. Essa luta pela autonomia e liberdade feminina encontra um paralelo na insistência de Hall de que a identidade é um campo de negociação e contestação contínua.

Hall e Beauvoir nos convidam a considerar a identidade como uma construção dinâmica e de múltiplas possibilidades, influenciada por uma série de vetores de poder, como o patriarcado, a mídia e a globalização. Ao integrar suas perspectivas, obtemos uma compreensão mais rica e complexa da identidade na contemporaneidade, vendo-a como um processo dinâmico e constantemente desafiador.

Em última análise, as teorias de Hall e Beauvoir se encontram na insistência de que a identidade é uma construção social sujeita a transformação. Ambas as abordagens destacam a importância de desafiar as normas e estruturas que restringem a expressão da identidade, seja através das forças da globalização e da mídia ou das normas patriarcais de gênero. Essa interseção teórica sublinha a relevância de uma abordagem interdisciplinar para entender e transformar as estruturas de poder e opressão que moldam nossas identidades. Este diálogo entre Hall e Beauvoir nos oferece uma visão poderosa e esperançosa da identidade como um processo em constante evolução, aberto à contestação e à reinvenção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao estabelecer uma conexão entre as teorias de Stuart Hall e Simone de Beauvoir, este artigo revela como a compreensão da identidade é enriquecida pela análise das forças sociais, culturais e históricas que moldam as experiências individuais. A abordagem

pós-moderna de Hall complementa a crítica feminista de Beauvoir, oferecendo uma visão abrangente da identidade como um processo dinâmico e contestado, influenciado por múltiplos vetores de poder e resistência. É evidente que ambos os pensadores oferecem contribuições inestimáveis para a compreensão da identidade na contemporaneidade. Suas obras, embora focadas em aspectos distintos, convergem em muitos pontos e se complementam de maneira profunda, proporcionando uma visão abrangente e multifacetada das dinâmicas identitárias.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**: Volume 1. 3 ed. Rio de Janeiro - RJ- Brasil: Nova Fronteira, 2016.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro; DP & A, 2006.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. Revista Brasileira Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010230982010000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010230982010000200010&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 17 jul. 2024.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T. da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.